



Eduardo Bettencourt Pinto

A realidade da ficção

“Um macaco, desses que se penduram em cabos eléctricos em acrobacias estonteantes, corria à frente de um homem que o perseguia com uma vassoura. O bicho pelos vistos fumava pois tinha-lhe roubado um maço de cigarros. Ambos desapareceram na esquina sob uma pequena nuvem de pó. Ninguém lhes prestou atenção.”

Encontrei um escritor angolano que conheço numa velha e caótica estação de autocarros na Índia. Enfrentava, aflito, a imensa multidão encalorada. Forçou a passagem, irritado e a custo, por entre corpos renitentes e compactos. A tarde, de um calor insuportável, deixava no ar cintilantes partículas de pó. Os seus olhos abriram-se de espanto:

— Por aqui?

Estava de bermudas vermelhas, t-shirt com uma frase em inglês e sandálias. Transpirava muito. Aparentava o cansaço de um noctívago atrapalhado com a fulgurante luz do dia.

— Estou de passagem mas não sei onde estou. Saio daqui a pouco, espero — disse-lhe após um efusivo abraço.

— Também eu. Com tantas viagens, o mundo não se parece com lugar nenhum. É um ponto de partida. Volta já — respondeu.

Afastou-se com dificuldade sob o enorme

peso da mochila.

Não voltou.

O meu conterrâneo acabou certamente apanhado pela estridente e esmagadora turba, desorientou-se, impotente ante essa força que parecia na iminência de querer tragá-lo a qualquer instante. Lugares como aquele onde se evidencia uma vertente inequivocamente paradoxal, não há meios-termos entre fantasia e realidade. Tudo se mistura nessa confusão de almas que se deslocam impulsionadas por um frenesi fluvial e sem qualquer vínculo emotivo, diga-se, onde uma ocorrência inusitada suscita o mesmo interesse que a rotina. Logo a seguir constatei esse facto.

Um macaco, desses que se penduram em cabos eléctricos em acrobacias estonteantes, corria à frente de um homem que o perseguia com uma vassoura. O bicho pelos vistos fumava pois tinha-lhe roubado um maço de cigarros. Ambos

desapareceram na esquina sob uma pequena nuvem de pó. Ninguém lhes prestou atenção.

Minutos depois chegou o autocarro. Parecia-me urgente abandonar aquele lugar, ir para outro, longe, mesmo que fosse apenas um ponto sem referência no universo onírico.

Corri à frente de um pequeno grupo. Lutei, como pude, contra o absurdo para poder subir os degraus.

Sentei-me, por fim, afogueado, ao lado de um velho indiano de belas e longas barbas brancas. Exibia, na sua cabeça de ancião, um turbante de um amarelo intenso. Por cima, na janela empoeirada e castigada pela sujidade da negligência, zunia uma gorda mosca. Não me senti incomodado. Queria simplesmente sair dali.

Em alguns lugares, a solidão tem muita gente à volta. Para as almas solitárias como eu o ruído é uma espécie de afronta.

Perda rápida da visão central é o primeiro sinal de neuropatia ótica hereditária de Leber

Por: Sérgio Estrela Silva *

A neuropatia ótica hereditária de Leber (NOHL) é uma doença progressiva e rara, que causa uma perda rápida da visão central que pode levar à cegueira. Estima-se que esta doença tenha uma prevalência de uma em cada 50 mil pessoas, existindo cerca de 140 mil casos em todo o mundo.

Os doentes com NOHL não têm qualquer sintoma até começarem a apresentar um quadro com visão turva central. Em cerca de 75 por cento dos casos regista-se perda de acuidade visual num só olho, seguindo-se um processo semelhante no outro olho seis a oito semanas mais tarde. Em alguns casos, ambos os olhos podem ser afetados em simultâneo.

O início dos sintomas ocorre, tipicamente, entre os 15 e os 35 anos. Porém, já foram relatados sinais da doença em outras idades.

Estima-se que 80 a 90 por cento dos doentes afetados sejam homens. Não existe ainda uma explicação para tal assimetria, mas pensa-se que as hormonas femininas possam exercer um efeito protetor.

É importante lembrar que, por ser uma doença hereditária, a NOHL pode afetar vários membros da mesma família. A doença é causada por mutações no ADN mitocondrial e é transmitida exclusivamente via linhagem genética materna.

Sabendo-se da existência de algum caso da doença na família, é essencial que se faça um aconselhamento genético. Os portadores da mutação no ADN mitocondrial devem ter atenção ao seu estilo de vida e alterar comportamentos menos saudáveis, de forma a reduzir o risco de perda de visão.

Os fatores de risco que podem levar os portadores de NOHL a desenvolver perda de visão são: tabagismo, consumo de álcool em excesso, stress, doenças agudas ou tóxicas para a mitocôndria.

Atualmente, o diagnóstico de NOHL é um dos principais problemas associados a esta doença, isto porque a comunidade médica não está suficientemente consciencializada para o problema, o que pode levar à demora no diagnóstico, ou até mesmo ao incorreto diagnóstico.

O importante aqui é estar atento aos primeiros sinais. Não se esqueça que onde há um doente com NOHL, existe uma família em risco. Fale com o seu médico.

* Oftalmologista